

SIGEOLITERART 2019

Anais do IV Simpósio Internacional e
V Simpósio Nacional de Geografia, Literatura e Arte

*Uma interface entre Geografia, Turismo, Literatura e Arte:
Entre viagens reais e imaginárias*



UNIRIO, Rio de Janeiro, 6 a 8 de novembro de 2019

ANAIS DO IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL E V SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA, LITERATURA E ARTE

UMA INTERFACE ENTRE GEOGRAFIA, TURISMO, LITERATURA E ARTE: ENTRE VIAGENS REAIS E IMAGINÁRIAS

Organização

Adriana Carvalho Silva
Maria Jaqueline Elicher
Márcia Cavalcanti Moreira
Patrícia Anido Noronha

Apoio



Realização



Coordenação Geral:

Adriana Carvalho Silva
Maria Jaqueline Elicher

Comissão Organizadora:

Adriana Carvalho Silva
Maria Jaqueline Elicher
Márcia Cavalcanti Moreira
Patrícia Anido Noronha
Ana Carolina Oliveira
Júlio César Suzuki
Humberto Fois Braga
Manoel Martins de Santana Filho
Eguimar Chaveiro Ernesto
Ricardo J. de Assis Fernandes Gonçalves
LABETUR – Laboratório de Eventos do Curso de
Turismo da UNIRIO (coord. Joice Lavandoski)
Brisa Rio – Empresa Júnior de Turismo da UNIRIO

Apoio:

Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo a Pesquisa
do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ)
Centro de Produção da UERJ (CEPUERJ)

Diagramação e Normalização:

Márcia Cavalcanti Moreira

Revisão:

Patrícia Anido Noronha

Comitê Científico:

Adriana Carvalho Silva
Amélia Cristina Alves Bezerra
Ana Carolina de Oliveira Marques
Ana Carolina Oliveira
Ana Claudia Ramos Sacramento
Angelita Lima
Andre Santos da Rocha
Carla C. L. Fraga
Clézio dos Santos
Edileuza Dias de Queiroz
Eguimar Chaveiro Ernesto
Jorge Macaringue
Felipe Moura Fernandes
Fernanda Felisberto
Geny Guimarães
Humberto Fois Braga
Iomara Barros de Sousa
Izabel Cristina Augusto de Souza Faria
Jader Janer Moreira Lopes
Júlia Santos Cossermelli de Andrade
Júlio César Suzuki
Jörn Seemann
Márcia Cavalcanti Moreira
Manoel Martins de Santana Filho
Maria Jaqueline Elicher
Ricardo J. de Assis Fernandes Gonçalves
Rita Baleiro
Sílvia Quintero
Thiago Sebastiano de Melo
Valéria Cristina Pereira da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S612 Simpósio Internacional de Geografia, Literatura e Arte (4. : 2019 : Rio de Janeiro, RJ)
Anais do SIGEOLITERART 2019 [recurso eletrônico] : Uma interface entre Geografia, Turismo, Literatura e Arte : entre viagens reais e imaginárias / IV Simpósio Internacional e V Simpósio Nacional de Geografia, Literatura e Arte ; organização Adriana Carvalho Silva ... [et al.].— Rio de Janeiro : Maria Jaqueline Elicher : Rede Entremeio, 2020.
692 p. : il.

ISBN 978-65-00-03615-2

1. Geografia. 2. Literatura. 3. Arte. 4. Turismo. I. Simpósio Nacional de Geografia, Literatura e Arte (5. : 2019 : Rio de Janeiro, RJ). II. Silva, Adriana Carvalho. II. Título.

CDU: 911:82

A exatidão das referências, citações, revisão gramatical e as ideias expressas e/ou defendidas em cada artigo são de inteira responsabilidade dos seus respectivos autores.

SUMÁRIO

EIXO 1 – Epistemologias, Linguagens e Artes	11
A Marianne Amazônica: um estudo iconográfico do monumento em comemoração à abertura dos portos da Amazônia	12
Gabriel Lorrám Lima Yopez, Carla Mara Matos Aires Martins	
A realidade ficcional em “O Cheiro do Ralo” e a ficcionalidade do real na Feira da Praça Benedito Calixto - SP	24
Leonardo José Cappucci	
As múltiplas regiões presentes na obra Menino de Engenho de José Lins do Rego	38
Osmar Fabiano De Souza Filho, José Rafael Vilela Da Silva, Leda Maria Assis Da Silva	
KOMPOZITSIIA IGRA: o jogo como método de pesquisa em Geografia	49
Rachel P. Vasconcellos	
EIXO 2 – Educação, Arte, Geografia e outros diálogos	64
A construção do olhar na cidade: uma perspectiva geográfica do <i>graffiti</i> no Rio de Janeiro	65
Leandro Tartaglia	
A escola como um Lugar Teatral e a Arte como possibilidade metodológica para o ensino de Geografia	75
Maria Alana dos Santos Monteiro, Gabriel Augusto Coelho de Santana	
A Geografia e a Literatura de Cordel como forma de expressão nas escolas periféricas	87
Maria Beatriz Martins Pimentel, Caio de Carvalho Maurício, Ana Carolyn da Silva Barros	
A geograficidade em “O Retirante”: possibilidades de construção do saber geográfico na escola a partir do movimento interdisciplinar entre Geografia e Literatura de Cordel	99
Mariane Motta Ferreirinha	
A integração do aluno de deficiência visual na prática de ensino-aprendizagem da Geografia e Literatura no contexto escolar	110
Reginaldo Nuñez Barbosa Júnior, Bruna Maria Beserra da Silva	

Leitura dos lugares nas crônicas e os diálogos possíveis entre Educação, Literatura e Geografia _____	122
Irene Da Silva Coelho, Renata Barrocas	
A música e a construção de raciocínios geográficos: reflexões iniciais _____	134
Brendon Bessa Lima, Tereza Sandra Loiola Vasconcelos	
Arte e Geografia: o uso de tintas de solo como proposta metodológica para o ensino de Pedologia _____	145
Ana Carolina Lopes Miranda, Sarah Lawall	
As Tabuletas da Avenida Sete de Setembro: uma análise Iconológica e Iconográfica _____	156
Guilherme Bentes Da Silva	
Avaliação por Instalações Geográficas: uma forma construtiva de avaliar _____	168
Maria Cynara Gonçalves de Alencar, Emerson Ribeiro	
Capitães da Areia: considerações sobre os conteúdos geográficos presentes na obra de Jorge Amado _____	180
Lucélio Cardoso Vaz, Luciney Aparecido Teodoro Borges, Maria Erlan Inocência	
Design, Identidade e Imagem da Cidade: processos de construção e análise dos instrumentais de pesquisa do Projeto Iconografias Urbanas da Uea _____	192
Yama Talita Passos Monteiro	
Dialogando com os “Sabiazinhos” no solo do Pequi: Prática geográfica e musical no setor Jardim Novo Mundo, Goiânia-GO _____	206
Thiago Nunes da Costa, Alexandre da Silva Xavier, Lídia Milhomem Pereira	
Diálogo entre Geografia e Literatura: subsídios para pensar uma Educação Geográfica _____	218
Daiana Freitas Nascimento	
Educação Geográfica, Literatura, Aprendizagem Significativa e Resignificação do Lugar: a obra literária de Odalice Priosti sobre o bairro carioca de Santa Cruz em aulas de Geografia _____	230
José Renato Soares Pimenta, Naisa de Oliveira dos Santos	
Elaboração de contos literários e abordagem geográfica: o processo criativo e as possibilidades de aplicação em ensino de Geografia _____	240
Maria Clara Leadebal Celestino	
Geografia e Literatura: análise da obra O Quinze de Rachel de Queiroz _____	252
Leda Maria Assis da Silva, José Rafael Vilela da Silva, Osmar Fabiano de Souza Filho	

Geografia Literária: as Bibliotecas Comunitárias Escrevendo Lugares em Fortaleza-CE _____	263
Lidia Marques da Silva, Ruth Paulina Rios de Souza, Tiago Vieira Cavalcante	
Manguezais, relações Sociedade-Natureza e populações tradicionais: a obra “Homens e Caranguejos” como ferramenta didática para a educação ambiental crítica em Geografia _____	275
Rafael Barsotti Torres, Victor Yamamoto do Vale Quaresma	
Mulheres Surdas Trabalhadoras na Experiência Humana e na Construção do Mundo _____	287
Letícia Borba	
O saber da experiência e do sabor relatados pela fotografia _____	297
Mariana Servo, Virgínia de Lima Palhares	
O Sertão Sem Fim: a análise da paisagem no cerrado goiano sob a ótica geográfica _____	309
Lucélio Cardoso Vaz, Luciney Aparecido Teodoro Borges, Estevanne de Paula Pontes Mendes	
Os elementos geográficos presentes no desenho animado “Em que lugar da Terra está Carmen Sandiego?” e a introdução indireta à ciência geográfica _____	323
Josirene Mariana Pereira, Eduardo Seide Asanuma	
Os Fanzines da Baixada Fluminense no ensino de Geografia como recurso didático: narrativas e grafias dos bairros _____	335
Clézio dos Santos	
Poesia nas aulas de Geografia: jogo livre das faculdades cognitivas e o prazer estético _____	348
Aline Mello Campos	
Um novo olhar sobre o rural - sua identidade num universo em intensa interação _____	361
Ivair Gomes, Arlon Cândido Ferreira	
Uma proposta de ensino: resultados obtidos durante o minicurso “Volta ao Mundo em 8 Danças - a utilização da dança no ensino para compreensão da Geografia e da Cultura” _____	374
Eduardo Seide Asanuma	
Uma Viagem pela Taiga: o audiovisual como recurso didático no ensino de Geografia _____	386
Andressa Nunes de Albuquerque, Tamiris Regina Ribeiro Souza de Souza	

EIXO 3 – Turismo Literário: entre viagens, narrativas ficcionais e documentais	398
A Geografia de Euclides da Cunha em seus estudos sobre a região do Alto Purus	399
João Carlos de Mattos Freitas	
A importância do turismo no resgate da cultura literária: estudo de caso do roteiro turístico “a Curitiba de Leminski”	409
Claudia Cristina Sanzovo	
A palavra é quem guia: Re-conhecendo o centro de São Paulo através da literatura	421
Sabrina da Paixão Brésio	
De Cordisburgo a Belo Horizonte – Roteiro Turístico-Literário para iniciados e não iniciados em Guimarães Rosa	432
Viviane Moreira Maciel, Mariana da Silva Ferreira, Rosália Caldas Sanábio de Oliveira	
O Senhor do Lado Esquerdo, o Rio “antigo” e o Rio atual	448
Claudio Sebastião Barbosa Guimarães	
O Tanka Brasileiro de Raimundo Gadelha	459
Valterlei Borges de Araújo	
O Turismo na Obra Literária Medieval “The Canterbury Tales”	473
Luciana Rodrigues	
Seguindo as pegadas do Animal: o choro através do livro de Alexandre Gonçalves Pinto	484
Julia Santos Cossermelli de Andrade	
Turismo Literário em Yerevan: Uma viagem pela literatura armênia	494
Sérgio Pereira Antunes	
EIXO 4 - Geografias das Artes sensíveis e imaginárias	506
Geografia e Dança: O Corpo em Movimento nas Expressões Culturais Tradicionais e suas Geo-Grafias	507
Marina Araújo, Juliana Amelia Paes Azoubel	
Ilustrações de <i>O Cruzeiro</i>: corpo, paisagem e a construção do imaginário balneário do Rio de Janeiro	517
Lohanne Fernanda Gonçalves Ferreira	
Lugar, Identidade e Representação em <i>Dinheiro, Sexo, Drogas e Violência de Costa a Costa</i>: uma leitura geográfica da mixtape	528
Léon Denis Ferreira Xavier, Lidia Marques da Silva, Tiago Vieira Cavalcante	

Música e Instalações Geográficas: uma reflexão sobre a Arte do Ouvir _____ 541
Elder Luis do Nascimento Gomes, Emerson Ribeiro

O Mundo-Lugar Secreto de Coraline sob Olhares Geográficos _____ 552
José Rafael Vilela da Silva, Osmar Fabiano de Souza Filho, Leda Maria Assis da Silva

Percursos criativos e geográficos para a Arte de Contar Histórias: uma perspectiva geográfica para as histórias contadas _____ 567
Carlos Eduardo Cinelli Oliveira de Campos

Sociabilidades Migratórias Italianas em *Brás, Bexiga e Barra Funda* de Alcântara Machado _____ 580
Júlio César Suzuki, Renan Henrique Messias de Paulo

“VOCÊ JÁ FOI À BAHIA?” O lugar de Dorival Caymmi: um diálogo entre Caymmi e Eric Dardel _____ 597
Julio Lemos Alencar

EIXO 5 - Literaturas do mundo: raças, gêneros, religiões e deslocamentos _____ 610

Espaços sagrados Afro-Brasileiros expressos na performance de Maria Bethânia: costuras literárias e musicais sobre os Rios, os Mares, as Águas _____ 611
Isley Borges da Silva Junior

Meninas Bonitas – Um estudo sobre empoderamento feminino e relações étnico-raciais no contexto escolar a partir da Literatura Infantil _____ 623
Rosa Maria Noronha Dias

O Grupo de Oração da Rosa Mística: a mulher e a casa nas espacialidades de Fé Católica em Itaguaru-Go _____ 635
Rodrigo Emídio Silva, Wellington Ribeiro da Silva

O Racismo em Triste Fim de Policarpo Quaresma _____ 648
Felipe Moura Fernandes

Por um Ensino Plural: desdobramentos da Geografia & Relações Étnico-Raciais _____ 659
Geny Ferreira Guimarães, Marília da Silva Paula Cruz

Sepé Tiaraju e Zé Urutau Guajajara, Heróis Míticos Índios da Resistência: um estudo paralelo com base na “Mitodologia” de Gilbert Durand _____ 668
Roberto Paolo Vico

O saber da experiência e do sabor relatados pela fotografia

Mariana Servo¹
Virgínia de Lima Palhares²

¹ Graduanda em Geografia/UFMG | marianaservoo@gmail.com

² Departamento de Geografia/UFMG | palhares.vi@gmail.com

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo essencial inserir e explorar outras linguagens na geografia, para além da escrita, de maneira que seja possível se aprofundar nos estudos da linguagem fotográfica para retratar a experiência vivida durante um trabalho em campo realizado no município de Jaboticatubas-MG. Além disso, neste trabalho, procuramos retomar alguns conceitos e essências trazidos por alguns autores de maneira a nos auxiliar na construção de um pensar do sabor como experiência e conhecimento geográfico. Por fim, será apresentado um relato de campo feito através da vivência/experiência e através dos registros fotográficos como forma de narrativa para contribuir com as pesquisas. Foi possível sentir e experienciar da maneira mais completa toda relação que o homem tem com a Terra e como isso é importante e necessário para a construção da Geografia.

Palavras-chave: Experiência. Sabores. Fotografia.

ABSTRACT: The present paper has as main objective to insert and to explore other languages in the geography, besides the writing, so that it is possible to deepen in the studies of the photographic language to portray the experience lived during a work in field realized in the municipality of Jaboticatubas-MG. More over, in this work, we try to retake some concepts and essences brought by some authors in a way to help us in the construction of a taste thinking as experience and geographic knowledge. Finally, a field report will be presented through the experience and through the photographic records as a form of narrative to contribute to the researches. It was possible to feel and experience in the most complete way all the relation that man has with the Earth and how important and necessary it is for the construction of Geography..

Keywords: Experience. Flavors. Photography.

RESUMEN: El presente trabajo tiene como objetivo esencial insertar y explorar diferentes lenguajes, además de la escritura, de manera que pueda profundizar los estudios del lenguaje fotográfico como posibilidad de retratar la experiencia que fue vivenciada en el trabajo de campo realizado en el municipio de Jaboticatubas. Además, en este trabajo, procuró retomar algunos conceptos y esencias traídos por algunos autores de manera que pueda ayudarme la construcción de un pensamiento del

sabor como experiencia y conocimiento geográfico. Por último, se presentará un relato de campo, hecho a través de la vivencia / experiencia ya través de los registros fotográficos como forma de narrativa para contribuir con las investigaciones. En Ese contexto fue posible sentir y experimentar de la manera más completa toda la relación que el hombre encon Tierra y cuán importante y necesaria es para la construcción de la Geografía.

Palabras clave: Experiencias. Sabores. Fotografía.

Introdução

O presente trabalho é resultado de uma atividade desenvolvida para a disciplina *Saberes e Sabores do Rural* ofertada no curso de Turismo na Universidade Federal de Minas Gerais. Tem como objetivo essencial inserir e explorar diferentes linguagens, para além da escrita, aprofundando nos estudos da linguagem fotográfica por meio da experiência vivenciada no trabalho em campo realizado pela disciplina numa propriedade de agricultores familiares no distrito de Rio Vermelho, no município de Jaboticatubas-MG, franja metropolitana de Belo Horizonte. Pretende-se, ainda, abordar questões ligadas ao saber da experiência, e como se pode chegar, através dela, no saber do sabor. Como objetos centrais utilizados neste trabalho, toma-se os elementos apreendidos no trabalho em campo: (i) a seleção de todo o registro fotográfico realizado durante o campo; (ii) vivências, aprendizados e experiências como, também, e não menos importante, aquelas ocorridas em sala ao longo do segundo semestre de 2018 em diálogo com o corpo discente e docente.

Em um primeiro momento, através da interlocução com Bondía (2002), Dardel (2011) e Benjamin (1994), buscaremos retomar o conceito de experiência como balizador central de toda reflexão, colocando em questionamento o status, moderno, adquirido pela cientificidade como forma única de saber da/na geografia. De fato, a Geografia Humanista, tradição que estamos inseridas, não pretende negar a possibilidade de ciência nos moldes tradicionais, mas sim, promover uma abertura destes moldes para novas (ou antigas, dependendo do ponto de vista) possibilidades do saber.

Após, buscaremos, juntamente com Marandola Jr. (2012), trazer o sabor como forma de saber geográfico através da experiência vivida em campo. Afinal, o que pretendemos, ao longo do trabalho é adentrar a fenomenologia, construindo um pensar geográfico através da vivência.

Mais à frente, será inserida a fotografia como linguagem principal, se diferenciando do corriqueiro, para narrar a experiência que foi vivida em campo. Neste momento, recuperamos as reflexões de Carmo (2016) como marco para compreensão das possibilidades da fotografia, não apenas como linguagem, mas, sim, como forma de experienciar a pausa ou, em outras palavras, de revelar as (nossas) diversas relações com a terra – a geograficidade.

Por fim, realizou-se um relato, construindo uma narrativa de como foi a experiência, ao olhar da fotógrafa, através dos registros fotográficos e por meio das falas afloradas pela lembrança daquele dia de campo, tendo sempre em vista a importância central de todos os atores presentes naquele contexto. Buscou-se, assim, transmitir e construir, por meio da fotografia, uma nova narrativa daquele espaço, ou melhor, uma contribuição breve para este diálogo constante. A fotografia, nesse ponto, possui uma importância salutar: reforçar a narrativa das experiências, cada vez mais danificada pelo/no contexto moderno.

Para dizer junto a Benjamin (1994), trata-se de um relato de uma marinheira comerciante que, em conjunto com o(s) camponês(es) sedentário(s), ambos narradores anônimos, toma a experiência passada de pessoa para pessoa, em suas diversas linguagens, como fonte principal.

Experiência e geografia

Aceitar outras possibilidades de se fazer ciência é um desafio na academia, e por que não se empenhar para empreender uma forma alternativa de conhecimento? Pensar a arte como possibilidade de ciência e, mais especificamente, de conhecimento geográfico faz parte deste desafio. Neste trabalho, além de pensar a experiência como conhecimento, pensamos também a arte como forma e caminho para esse conhecimento. É desse diagnóstico, de um reducionismo cientificista, percebido atualmente na geografia, que partem, por exemplo, autores como Carmo (2016), Marandola Jr. (2010) e Bondía (2002).

Nesse sentido, cabe retomar o próprio conceito de experiência, procurando delimitar de que forma ele pode nos auxiliar no desenvolvimento do relato de campo e na narrativa que pretendemos apresentar. Em um primeiro momento, estabelecemos um diálogo com Marandola Jr. (2010), o qual traz a reflexão acerca do conhecimento geográfico, reforçando o conhecimento produzido fora da ciência formal. E por que não adquirir o conhecimento geográfico por meio da experiência? Experiência essa que também é e foi pautada na ideia de ser-no-mundo de Martin Heidegger (1927 apud BONDÍA, 2002), ou uma forma de prolongar essa ideia é buscar a geografia nomeada assim por Dardel (2011) como pauta desta experiência.

Conhecer o desconhecido, atingir o inacessível, a inquietude geográfica precede e sustenta a ciência objetiva. Amor ao solo natal ou busca por novos ambientes, uma relação concreta que liga o homem à Terra, uma *geografia* (*géographicité*) do homem como modo de sua existência e de seu destino (DARDEL, 2011, p. 1).

Bondía (2002) nos diz o que a etimologia da palavra *experiência* pode retratar:

Experiência é, em espanhol, “o que nos passa”. Em português se diria que a experiência é “o que nos acontece”; em francês a experiência seria “ce que nous arrive”; em italiano, “quelloche nos succede” ou “quelloche nos accade”; em inglês, “thatwhatis happening tous”; em alemão, “wasmir passiert” (BONDÍA, 2002, p. 21).

Para que esses conceitos, ou melhor dizendo, essas essências, de experiência aconteçam, para que seja possível que algo nos passe, é necessário acontecer uma pausa. É preciso que o sujeito esteja aberto e disponível para que algo aconteça, para que o fenômeno possa aparecer. Referimo-nos a acontecer aqui no sentido de tocar, e não somente acontecer.

[...] fazer uma experiência com algo significa que algo nos acontece, nos alcança; que se apodera de nós, que nos tomba e nos transforma. Quando falamos em “fazer” uma experiência, isso não significa precisamente que nós a façamos acontecer, “fazer” significa aqui: sofrer, padecer, tomar o que nos alcança receptivamente, aceitar, à medida que nos submetemos a algo. Fazer uma experiência quer dizer, portanto, deixar-nos abordar em nós próprios pelo que nos interpela, entrando e submetendo-nos a isso. Podemos ser assim transformados por tais experiências, de um dia para o outro ou no transcurso do tempo (HEIDEGGER, 1987, p. 143 apud BONDÍA, 2002, p. 25).

Um ser, no sentido pautado por Heidegger, poderá ter uma experiência a partir do momento que ele se toque, que o sentimento seja tocado, e isso só acontece com sujeitos disponíveis a isso.

A pobreza da experiência em tempos atuais

Nosso mundo atual pode ser caracterizado pela pobreza da experiência. Benjamin (2012) nos diz em seu texto que a experiência é cada vez mais rara e Bondía (2002) complementa nos trazendo motivos dessa raridade atual. Aponta, em primeiro lugar, que a informação não deixa lugar para as possibilidades de experiência, ou seja, que um dos motivos da raridade da experiência é o excesso de informação. Com todo o foco voltado para estar mais informado, o sujeito não permite que algo o aconteça. Outro motivo apontado por Bondía (2002) é o excesso de opinião, que não deixa de estar relacionado ao motivo anterior, até porque Bondía coloca que, logo após a informação, vem a opinião. Os dois se converteram em imperativos. Nos tempos atuais, se não tiver informação e, junto dela, uma opinião própria, é como se faltasse algo essencial e esse imperativo é a contribuição para o afastamento e não ocorrência da experiência, impedindo que algo passe ou aconteça. A falta de tempo também é considerada um motivo para a anulação da experiência. Mesmo quando algo acontece para um sujeito, acontece depressa e essa velocidade impede a conexão entre estes acontecimentos e os sentimentos. Por fim, temos o excesso de trabalho. O sujeito, além de ser informado, de opinar e de não ter tempo, também trabalha (atividade que deriva da pretensão de conformar o mundo segundo seu saber, seu poder e sua vontade) independente do desejo de fazê-lo. Assim, o sujeito está restrito a viver a experiência, e nas palavras de Bondía (2002, p. 24): “E, por não podermos parar, nada nos acontece.”

O sabor

Uma das propostas da disciplina Saberes e Sabores do Rural era refletir sobre o *sabor* pelos sentidos e como, através dele, podemos perceber o mundo. A ideia aqui é colocar o sabor como forma de sentido; sair, então, da tradição ocidental de que apenas a visão e a audição são sentidos superiores e acrescentar outras maneiras de perceber e experienciar o mundo. Nesse momento, Marandola Jr. (2012) coloca que o ato de degustar um prato envolve a relação interioridade-exterioridade que se estende a outros sentidos e se associa na experiência integral daquele momento e lugar. Sendo assim, o sabor e o gosto podem ser percebidos enquanto experiência, seja ela geográfica ou não.

Podemos dizer, então, que a partir da experiência como forma de conhecimento, o sabor pode ser percebido neste escopo e, ainda, propiciar uma provocativa ruptura, uma pausa, nos dando, no contexto atual, lampejos de expectativa para a retomada da importância da própria experiência.

Degustar algo é saciar a fome, mas não a fome em seu sentido tradicional e, sim uma fome de ir além do que aquele sabor nos mostra superficialmente e, ao mesmo tempo, de estar ali sentindo o prazer de comer.

Este prazer é compartilhado, e não é à toa que, quando o assunto se torna o sabor, sorrimos facilmente, condescendentemente e, não raro, com um ar de cúmplices. O assunto mexe com nossas sensações, para além do intelecto, e esta ligação carnal, pelo sentido hedonista, torna-nos plenamente humanos (MARANDOLA JR., 2012, p. 49).

Esse momento do texto de Marandola Jr. (2012) pode caracterizar bem o que será relatado sobre o trabalho em campo. Afinal de contas, todo momento em que o sabor foi tocado, em Rio Vermelho, os sorrisos eram abertos e a vontade de compartilhar o que se comia era sempre grande. Por isso, em todos os instantes de degustação daquele sabor do rural, todos se reuniam em volta da mesa de Isabel, agricultora que nos deixou adentrar em seu universo rural.

A fotografia como possibilidade de narrar a experiência e o sabor

Nesse momento, trazemos a fotografia como um convite para ver além do que está na superfície. Uma fotografia quase sempre diz mais do que estar somente mostrando a imagem. Por isso, devemos ver e ler a imagem. A ideia, então, é mergulhar nos registros para captar aquilo que está inscrito nas profundidades de uma imagem tentando, através dela, construir uma narrativa outra, um relato da experiência. Além disso, é preciso uma *pausa* para a reflexão e para ir além do que foi congelado no certo momento. Com as palavras de Carmo (2016), nos inspiramos para falar sobre a fotografia:

A fotografia sempre me possibilitou (re)encantar diante das coisas do mundo. Ela é para mim um convite à pausa proporcionada pelo “congelamento do tempo”. Através desse “repouso” faço o convite para refletir sobre as coisas mesmas além do que foi ali capturado. Para seguir este caminho apoiamos no olhar/sentir/experienciar da fenomenologia. Vemos a fotografia como uma possibilidade de experiência não só para aquele que faz o registro, mas também para aquele que dele usufrui (CARMO, 2016, p. 136).

Ver a fotografia como possibilidade de experiência e, também, como possibilidade poética, nos permite contar uma história através dela. Essa história será narrada aqui, por nós, através dos registros fotográficos e por quem estiver usufruindo dessas imagens. Que possamos ver essas fotografias como um poeta vê (ou transvê) o mundo. Afinal de contas, ver com a imaginação é, para um poeta, uma forma de transver. “É preciso transver o mundo” – disse Barros (2000) em um de seus célebres poemas.

Vivência de campo

Tivemos contato, recentemente, com uma geografia que encanta. Pudemos, através dela, libertar o que havia dentro de nós de uma forma mais poética e mais artística. Essa é a geografia humanista. Ela pôde nos mostrar e esclarecer alguns pontos que nos faziam falta na academia, tais como: a valorização da vivência e experiência para a construção de um conhecimento, o uso da arte como possibilidade de fazer geografia, dentre outros. Através de Dardel (2011) nos aproximamos da geograficidade.

Ao sair para um campo, já podemos nos propor a vivenciar por completo o que nos será apresentado. As expectativas já eram grandes, mas ao chegar ao local, percebemos que apenas a experiência/vivência é capaz de reafirmar toda essa expectativa. Esse campo foi um desafio para fazer os registros fotográficos. Não nos utilizaremos da escrita para as narrativas e, sim, como forma secundária de contar a história vivida em campo.

Exercitamos da forma mais profunda, a geograficidade. Ao observarmos a geograficidade se dando e se fazendo a cada momento que olhava para Isabel e Amintas – seu companheiro –, se envolvendo de forma tão profunda e única com a terra, fomos motivados a exercitar em nós a geograficidade que existe dentro de cada um. Tentamos viver um pouco daquela paixão pela terra, aquela paixão pelo campo. Deixamos aflorar a geograficidade que existe em nós e percebemos o quão valiosa é a relação entre o ser humano e a terra; terra, aqui em todos os sentidos da palavra- terra mãe, generosa, fértil, *pachamama*.

Pensamos em uma maneira de colocar a fenomenologia na geograficidade. Mas logo percebemos que ela já está. O fato de escrevermos sobre algo que foi vivido e experienciado já permite estar com a fenomenologia. Fomos um pouco além e falamos sobre essa experiência através de três sentidos: o primeiro deles é o olfato. Logo quando chegamos a Rio Vermelho, fechamos os olhos e sentimos o aroma do café, já misturado ao cheiro do

frango e o crepitar do fogo no fogão à lenha, sob um aconchegante galpão, extensão da cozinha de Isabel. Esta sensação nos remeteu a uma afirmação da nossa mineiridade. Subitamente veio à tona o sentimento profundo do que é ser mineiro: é ser agradado pelas coisas simples da vida, é dar valor aos melhores sabores e senti-los como um abraço, é agradecer pelo café no fogão à lenha e pelo cheiro do fogo queimando e da fumaça tomando conta da cozinha. O segundo sentido é o sabor. Cada vez que experimentávamos uma comida feita ali pelas “mãos de fada” de Isabel, éramos transportados por uma lembrança boa, uma sensação de aconchego e paz. E ainda, (re)afirmava em nós o sabor como uma experiência geográfica. Por fim, exercitamos nossa visão, ao poder, com uma câmera, congelar aqueles momentos, tudo aquilo que pudemos sentir somente olhando e estando presente naquele dia. Posto isso, convidamos o leitor a uma narrativa contada pela fotografia. Que a pausa e a reflexão sejam exercitadas: (Figuras 1 a 23)¹.

A fotografia como um texto



Figura 1



Figura 2



Figura 3



Figura 4

¹ Salienta-se que se a fotografia é vista aqui como um texto, optamos por não inserir título e todas as fotografias são de autoria de Mariana Servo.



Figura 5



Figura 6



Figura 7



Figura 8



Figura 9



Figura 10



Figura 11



Figura 12



Figura 13



Figura 14



Figura 15



Figura 16



Figura 17



Figura 18



Figura 19



Figura 20



Figura 21



Figura 22



Figura 23

Conclusão

Partindo das reflexões sobre experiência, conhecimento, geograficidade e fotografia, este trabalho finaliza com uma expectativa: ter provocado, com a narrativa construída, o aceite para o convite da pausa. O trabalho em campo relatado em uma experiência compartilhada, naquele espaço, com os colegas, a professora e, com destaque, Isabel e Amintas, não termina naquela data, ele se projeta em nosso imaginário construído em conjunto daquele lugar e daquela experiência. Por fim, se para os mineiros, como nós, o término de uma refeição com um café coado no fogão a lenha é o melhor convite para retornos e novas experiências, neste trabalho não poderia ser diferente. (Figura 24).

Um brinde a outras formas de expressão!



Figura 24

Referências

BARROS, Manoel de. **Livro sobre nada**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

BENJAMIN, Walter. O narrador, considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *In*: BENJAMIM, W. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. v. 1, p. 197-221. (Obras escolhidas).

BONDÍA, Jorge L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20-28, 2002.

CARMO, Valéria A. Por um habitar poético - O encontro da fotografia com a poesia de Manuel de Barros. **Revista da Abordagem Gestáltica - Phenomenological Studies**, v. 22, n. 2, p. 134-139, jul./dez. 2016.

DARDEL, Eric. **O homem e a terra**: natureza da realidade geográfica. Tradução: Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.

MARANDOLA JR., Eduardo. Humanismo e arte por um conhecimento geográfico. **Geosul**, v. 25, n. 49, p. 7-26, jan./jun. 2010.

MARANDOLA JR., Eduardo. Sabor enquanto experiência geográfica: por uma geografia hedonista. **Geograficidade**, v. 2, n. 1, p. 42-52, 2012.